

Para pensar a escola como espaço teatral: o teatro como ação tática no/do cotidiano¹

To think of the school as a theatrical space: the
theater as a tactical action in/of everyday life

Renata Patrícia Silva²

Resumo

Neste artigo propõe-se a discussão do teatro como ação tática no/do cotidiano da escola, a fim de contribuir para que ela seja um lugar praticado pelo fazer teatral. Para tanto, parte-se da compreensão de que a escola é um lugar que abriga práticas formalizadas e saberes-fazer cotidianos. Diante disso, aponta-se que o teatro, se insere dentro das formalidades institucionais e dos fazeres ordinários, ponderando sua condição de prática formalizada, que se (re)inventa a partir das ações dos sujeitos no/do cotidiano escolar. Desta forma, ao discorrer sobre a docência como ação tática, compartilha-se a proposta de ações com o teatro na escola, que atuaram enquanto micropolítica cotidiana, provocando pequenas rupturas e movimentos de (re) existência, apropriando-se do território das formalidades da educação institucionalizada, a fim de legitimar o lugar da arte dentro da escola e criar espaços outros.

Palavras-chave: Ação tática; teatro na escola; escola como espaço teatral; teatro no/do cotidiano; minoridades.

Abstract

In this article we propose the discussion of theater as a tactical action in the daily life of the school, in order to contribute to make it a place practiced by the theatrical making. For this, we start from the understanding that the school is a place that shelters formalized practices and everyday know-how. In view of this, it is pointed out that the theater is inserted within the institutional formalities and ordinary doings, pondering its condition of formalized practice, which is (re)invented from the actions of the subjects in/of the daily school. In this way, in discussing teaching as a tactical action, one shares the proposal of actions with theater at school, which acted as a daily micropolitics, provoking small ruptures and movements of (re)existence, appropriating the territory of the formalities of institutionalized education, in order to legitimize the place of art within the school and create other spaces.

Keywords: Tactical action; theatre at school; school as a theatrical space; theatre in/of everyday life; minorities

E-ISSN: 2358.6958

¹ O presente artigo está embasado em minha Tese (Doutorado em Artes Cênicas), defendida na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus São Paulo, São Paulo, 2019.

² Profa. Dra. Curso Licenciatura em Teatro - Universidade Federal do Tocantins (UFT). renatapatricia@uft.edu.br

Primeiros apontamentos

Neste artigo proponho a discussão do teatro como ação tática no/do cotidiano da escola, a fim de contribuir para que a escola seja um lugar praticado pelo fazer teatral. Para tanto, meus escritos partem da compreensão de que a instituição escolar é um ambiente que se caracteriza pelas formalidades disciplinares e por aquilo que Michel de Certeau (2013) chama de saberes-fazer de seus praticantes ordinários. Diante disso, pondero que o teatro transita pelos territórios das formalidades disciplinares e, dentro deles, pode encontrar possibilidades para (re)significar-se nas ações de professores(as) e alunos em suas práticas no/do cotidiano escolar.

Então, observo que, para exercer suas ações dentro do contexto escolar o fazer teatral deve levar em conta as possibilidades e limites que se instalam no/do cotidiano e atravessam suas ações. Por isso, ao discorrer sobre uma docência como ação tática, proponho que as ações com o teatro atuem enquanto micropolítica cotidiana, provocando pequenas rupturas e movimentos de (re)existência, apropriando-se do território das formalidades da educação institucionalizada, a fim de legitimar o lugar da arte dentro da escola e criar espaços, que evidencie a multiplicidade de saberes-fazer que se inscreve nesse cotidiano.

A docência como ação tática, inscrita no âmbito das minoridades e atravessada pelos saberes-fazer no/do cotidiano escolar tem sido meu grande interesse de pesquisa no campo da formação de professores de teatro, uma vez que a experiência com a realidade escolar no estado do Tocantins, tem me despertado para pensar as diferentes realidades em que se encontram os professores de teatro. Desta forma observo que, frente à realidade de cada escola, é possível praticar um espaço teatral e lançar propostas para que o teatro provoque ações no/do espaço, a fim de produzir movimentos naquele cotidiano e despertar novos olhares para o teatro que os praticantes da escola vem criando em suas diferentes realidades³.

Assim, ao discorrer sobre a escola como espaço teatral, valorizando a docência como ação tática, pondero a necessidade de se levar em conta a realidade de cada escola, a fim de observar o fazer teatral dentro dos contextos em que foram produzidos, pois tirá-los desse lugar é empobrecer suas análises e encerrá-los num terreno de generalidades (Caballero, 2016; Dubatti, 2012; 2014). Nesse sentido, quando proponho essa discussão num dossiê que abre espaço para as vozes da América Latina, observo que minhas considerações a respeito de uma ação menor, que se coloca como ato de resistência, é um modo de nos desviarmos das práticas e saberes hegemônicos que nos formaram e ainda se fazem presentes no teatro e na educação. Por isso, ao citar Caballero e Dubatti, penso no quanto esses autores me inspiram em suas ações, pesquisas e escritos, visto que suas pesquisas acerca do teatro na América Latina evidenciam que é necessário pensar o teatro a partir do contexto em que se produz, seja no campo da recepção, da encenação ou da Pedagogia Teatral.

3 Além do trabalho que venho desenvolvendo na Universidade, essa pesquisa foi aprofundada em minha tese de Doutorado, intitulada: "Por um teatro da escola: táticas e minoridades ao rés do chão", sob orientação da Profª Drª Carminda Mendes André, no Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). O conteúdo parcial da tese pode ser acessado no Repositório Institucional da UNESP, no seguinte link: <http://hdl.handle.net/11449/183424>.

Para subsidiar minha discussão acerca da docência como ação tática no/do cotidiano da escola, faço um recorte de uma experiência de pesquisa realizada ao longo do doutorado, apresentando o relato de uma prática pedagógica em um Colégio Militar da Rede Pública Municipal, localizado na cidade de Palmas (TO) - Colégio Militar Augusto Boal⁴. Nessa prática, discorro sobre o jogo intervencionista (André, 2011) como uma alternativa metodológica, que referenciou o processo teatral na escola e apontou modos outros de se relacionar com/no/do cotidiano, uma vez que as ações propostas estimularam o jogo com o espaço da escola, possibilitando diferentes (re) significações em nossas ações.

Desse modo, as discussões tecidas neste artigo pretendem ampliar e corroborar com os estudos a respeito da prática teatral na escola, a fim de pensá-la como ação tática no/do cotidiano, capaz de suscitar pequenos atos de resistência aos modelos institucionalizados, às formas hegemônicas, às práticas (im)postas, fomentando a condição da escola como espaço teatral. Ainda assim, ressalto que ao propor uma docência como ação tática, assumo o fazer teatral que se exerce como micropolítica cotidiana, sem a pretensão de inscrever-se como totalidade ou prescrever um "modo de fazer" teatro, tomando minhas experiências como modelo. Pelo contrário, defendo que cada vez mais o fazer teatral privilegie o encontro com os diferentes saberes-fazer cotidianos na tentativa de possibilitar uma criação coletiva. Por isso, ao refletir a respeito do fazer teatral enquanto ação tática, constituída a partir de uma experiência no/do cotidiano da escola, ressalto a importância de que o debate acadêmico lance seu foco para o fazer teatral contaminado pelos autores do cotidiano, a fim de possibilitar que a formação de professores de teatro se aproxime de uma experiência entrelaçada à realidade da escola.

A escola como espaço teatral: entre formalidades e saberes ordinários

Minha experiência com a realidade da escola na formação de professores de teatro, principalmente, no momento dos estágios supervisionados obrigatórios, em que o estudante inicia o trânsito entre a Universidade e a escola, tem demonstrado o quanto a chegada a esse lugar e a experiência do fazer(se) docente na realidade das instituições públicas tem sido desafiante aos futuros professores de teatro, evidenciando um certo descompasso entre a escola que se discute na Universidade e aquela que encontram nos estágios (Silva, 2017; 2018). Diante disso, a proposta de discutir a escola enquanto espaço teatral parte da compreensão de que ela é um território em que se inscrevem nas práticas disciplinares, que podemos compreender como pertencentes às estratégias e outras, no âmbito dos saberes-fazer ordinários, configurando-se como táticas.

Os saberes que pertencem a uma prática institucionalizada, regida por legislações e normativas, obedecem a uma série de organizações prévias, que podem ser pensadas na ordem da estratégia, discutida por Michel de Certeau. "A estratégia pos-

4 Nome fictício para preservar a identidade da instituição.

tula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças” (Certeau, 2013, p. 93). Outros se inscrevem no cotidiano, pelos praticantes no/do espaço da escola, não possuem sistematização e não estão prescritos, são da ordem tática. A tática “não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance” (Certeau, 2013, p. 95). Estas, muitas vezes, utilizam-se dos próprios dispositivos disciplinares e (re)criam a realidade em que se encontram.

Essas operações que alteram os lugares e rompem com a organização, provocando movimentos numa ordem estável, são exercidas por “sujeitos praticantes ordinários” do cotidiano, como definido pelo autor (Certeau, 2013). No espaço da escola, pode-se considerar que os praticantes ordinários, “são aqueles que, de modo mais visível ou mais sutil, deixam suas marcas nesse cotidiano: alunos, professoras, mães, vigias, serventes e tantos outros que ‘vivem’ as escolas” (Ferraço, 2007, p. 74). Frente a isso, para pensar o cotidiano escolar, deve-se levar em conta que apesar de sua estrutura disciplinar e práticas normativas, qualificá-lo apenas por sua ordem disciplinar pode ser um equívoco, uma vez que, em seu território, se entrelaçam práticas formalizadas por um sistema maior e fazeres menores que se exercem pelas ações de seus praticantes cotidianos.

Sendo assim, por um lado, observa-se a estratégia, que (de)limita lugares, tempos, conteúdos e fomenta a compreensão da escola como lugar disciplinar. Por outro, ainda que impossíveis de mapear, encontram-se as táticas de praticantes do cotidiano que (re)existem à disciplina e (re)significam as (de)limitações (im)postas, possibilitando outras aprendizagens para além do que prescreve o currículo oficial, fomentando a condição da escola como “lugar praticado” (Certeau, 2013). Retomando Michel de Certeau, enquanto o lugar “é uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade” (2013, p.184). O *espaço* é um cruzamento de móveis e, ao contrário do *lugar*, não possui a estabilidade de um “próprio”. Sendo assim, “o espaço é um lugar praticado” (Certeau, 2013, p. 184), uma vez que é animado pelos movimentos que se produzem nele.

Deleuze e Gattari (2013), ao discorrerem sobre a obra de Kafka, adotam o conceito de “Literatura Menor”, para os autores o conceito de menor não está relacionado a quantitativos ou posições hierárquicas: “Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (Deleuze & Gattari, 2003, p. 38). Sílvio Gallo (2008) deslocando o pensamento de Deleuze e Gattari (2003) para o campo da Educação afirma que coexistem na escola uma educação maior e uma educação menor, corroborando para compreensão da escola como um espaço de multiplicidades:

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos. Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como

trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (Gallo, 2008, p. 64-65).

Observando esse ambiente fronteiro, é possível considerar que o fazer teatral dentro do contexto escolar transita pelos campos das formalidades disciplinares e dos fazeres ordinários. A presença da arte como componente curricular obrigatório pode ser considerada a demarcação de um lugar dentro do conjunto de saberes sistematizados pelo sistema escolar. Isso é resultado da luta de arte-educadores ao longo de anos e precisa ser legitimada cotidianamente pelos professores que estão atuando dentro da escola, no intento a arte se faça presente enquanto ação, criando espaços dentro da escola. Desta forma, considero que o teatro, se insere dentro das formalidades institucionais e dos fazeres praticantes, ponderando sua condição de prática formalizada, que se (re)inventa a partir das ações dos sujeitos no/do cotidiano escolar.

A partir disso, proponho que o fazer teatral dentro da escola busque exercer suas ações considerando os limites e possibilidades de cada contexto em que se insere, atuando como ação tática, a fim de fomentar as práticas cotidianas que criam espaços outros, minando as estruturas de uma suposta totalidade estratégica. Desta forma, compreender o teatro como um fazer menor dentro da escola não está associado à condição de “menos” ou de “valor inferior”, mas de um fazer outro, que atua nos terrenos que lhe são (im)postos e joga com os possíveis.

Nesse sentido, ao discutir o teatro como um fazer menor e uma ação tática, chamo a atenção para uma ação docente atravessada pelos diferentes enfrentamentos que se colocam em cada contexto escolar, convocando à (des)construir-se professor(a) de teatro a partir da experiência no/do cotidiano da escola. Apoiada pelos intercessores teóricos que me referenciam, penso que o fazer tático inscreve-se no campo dos acontecimentos imprevistos do cotidiano, aproveitando as ocasiões e aberto às incertezas de uma ação coletiva:

O mestre, por adotar uma *atitude tática*, não sabe para onde vai conduzir aquele movimento, nem sequer se vai haver movimento.

Mas também não é unicamente o aprendiz que determina a direção de seu movimento, pois ele é um vir a ser sem origem e sem intencionalidade. É no espaço do vazio, deixado pela ‘sinalização’ daquele, que o movimento se desenrola. É ali que o aprendiz e o mestre, na condição de alegorias, inventam a si e ao mundo. Se há aprendizagem, ela acontece nesse campo habitado pelo *vir a ser* do aprendiz e pela presença ausente do professor. É por adquirir essa forma *dessubstancializada* que eles podem se inventar permanentemente. (André, 2011, p. 187-188)

Quando diz de uma atitude tática, a autora corrobora com o pensamento de uma prática pedagógica como ação, fundamentando minhas considerações acerca de um fazer teatral que se inscreve como uma experiência atravessada pelos acontecimentos de cada cotidiano escolar. Sendo assim, quando o fazer teatral busca atuar no campo das minoridades do cotidiano escolar, a partir de ações táticas exercidas pelos praticantes do/no espaço da escola, suas práticas podem corroborar para a invenção de outros percursos no mapa da educação maior.

Ao pensar essa multiplicidade dentro da escola, chamo a atenção para o quanto as ações nesse território devem se desprender da pretensão primeira de mudar a realidade ou transformar os sujeitos que ali inscrevem seus feitos. Assumir os limites dessas ações é assumir a multiplicidade de (im)possibilidades e (im)previsibilidades que permeiam os processos de ensinar e aprender no/do cotidiano escolar. Assim, observo que a ação do professor, diante das práticas escolares, pode ser um provocador de transformações pontuais, um disparador de outras ações que venham a acontecer nesse espaço. Por isso, considero a prática pedagógica uma ação tática que atua como micropolítica cotidiana, no campo das minoridades, desenvolvendo suas propostas em pequenos e constantes movimentos.

A docência como ação tática: o teatro no/do cotidiano escolar

Compreender a co-existência dos diferentes saberes-fazer dentro da escola, elucida a proposta de uma prática teatral articulada à realidade de cada instituição, entrelaçando saberes formais e cotidianos. Alguns estudos do cotidiano na área da educação têm buscado discutir as práticas curriculares, compreendendo-as como complexas e relacionadas a saberes-fazer que nem sempre constituem um corpo coerente e organizado, como determinam os currículos oficiais. Isso evidencia que os praticantes no/do espaço escolar exercem suas práticas cotidianas apropriando-se dos planos estratégicos traçados pelo sistema escolar, constituindo um espaço fronteiro, múltiplo, atravessado por tensões, possibilidades e limites:

Assim, nas nossas atividades cotidianas, os currículos que criamos misturam os elementos das propostas formais e organizadas com as possibilidades que temos de implantá-las. Por sua vez, essas possibilidades se relacionam com aquilo que sabemos e em que acreditamos ao mesmo tempo que são definidas na dinâmica de cada turma, dos saberes dos alunos, das circunstâncias de cada dia de trabalho. [...]. É nesse sentido que entendemos as práticas curriculares cotidianas, como associadas, sempre, às possibilidades daqueles que as fazem e às circunstâncias nas quais estes estão envolvidos. (Oliveira, 2003, p. 01)

Observo que essas práticas atuam como desterritorializações dentro da sala de aula, possibilitando pensar a escola como lugar praticado pelos diferentes saberes. Assim, compreendo que um currículo praticado é constituído, também, pelos diferentes sujeitos da escola e seus saberes-fazer, que se configuram como práticas emancipatórias de professoras e alunos para além de uma ordem curricular estabelecida. Em decorrência disso, penso nas (im)possibilidades e (im)previsibilidades que povoam o cotidiano e nos convocam a deslocamentos diante de cada realidade escolar. Em consonância com o pensamento de Oliveira (2003) considero que aproveitar os possíveis é também assumir os limites. Para tanto, é importante reconhecer as regulações que se colocam, sejam elas estabelecidas pela ordem estratégica, ou mesmo em nossas propostas e práticas que se inscrevem táticas.

Desta forma, para subsidiar a discussão de uma docência como ação tática, fomentando a condição da escola como espaço teatral, escolho falar de uma experiência em que o jogo intervencionista atuou como referência para o fazer teatral no espaço da escola. Carminda Mendes André (2011), quando discorre a respeito da arte

como invenção no espaço público, fomenta a proposição do jogo como ação tática, apresentando duas possibilidades em que esse pode se realizar - jogo intervencionista ou jogo performático. “O intervencionista tem o propósito de abrir espaços no local de um próprio; o performático tem o propósito de expor os modos como o artista cria sua linguagem teatral, como ele faz seu teatro” (André, 2011, p.198). Sendo assim, a arte intervencionista pode ser considerada uma ação que se inventa a partir das oportunidades, apropriando-se daquilo que o espaço lhe oferece, por isso é considerada uma ação de espaço:

Essas ações interferem no espaço e, muitas vezes, invertem os efeitos da repressão transformando tal violência em burla, em paródia, em simulacro. A ação intervencionista, nesse sentido é ação de espaço⁵ que tem por meta resistir às práticas condicionadoras da sensibilidade do cidadão, bem como aos dispositivos de direcionamento das respostas politicamente corretas em relação ao padrão desejado. Do espaço e não no espaço, pois é ação constituída desse espaço⁶. (André, 2011, p. 78)

Quando ampliamos esse pensamento para o território escolar, pode-se considerar que o professor de teatro, da mesma forma que o artista de intervenções, pode ser esse “caçador de fissuras”, a fim de provocar ações táticas, que busquem (re)significar a escola e sua estrutura disciplinar. Apesar disso, uma ação tática atua nos riscos de ser malsucedida em seus feitos, por isso devemos aproveitar as oportunidades que são oferecidas, utilizar os restos, as brechas, uma vez que nossas criações se apropriam daquilo que encontram, para inventar suas astúcias:

Esses estilos de ação [as táticas] intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo, o sistema da indústria), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro (é o que acontece com a “sucata”). Assimiláveis a *modos de emprego*, essas “maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes. [...] Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para maneiras de *utilizar* a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura *pluralidade* e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos. (Certeau, 2013, p. 87)⁷

Frente a isso, a proposta de trabalhar o teatro na escola a partir do jogo intervencionista, constitui-se como um fazer que não deseja se estabelecer fixando um lugar, mas como uma ação que busca provocar movimentos no/do cotidiano escolar, criando um espaço transitório para o fazer teatral. Desta forma, ao tomar o jogo intervencionista (André, 2011) como referência para o trabalho desenvolvido no Colégio Militar Augusto Boal, valorizei a possibilidade de uma prática artística inventiva, que permitisse avaliar os sintomas da realidade escolar e propor ações com o teatro que viessem ao encontro das necessidades deflagradas por nós, pelo espaço ou por fatores externos à nossa prática. Desta forma, nossas intervenções deveriam levar em conta os limites institucionais e, dentro deles, encontrar as possibilidades que am-

5 “Ação de espaço expressa significações inventadas nesse espaço cujas ações por elas inspiradas são informais” (notas da autora).

6 Grifos da autora

7 Grifos do autor.

pliassem o jogo com o regime disciplinar ao qual estávamos submetidos⁸.

O Colégio Militar Augusto Boal é uma Escola Municipal de Tempo Integral localizada na cidade de Palmas – TO. A instituição funciona em regime de Tempo Integral, no período de 07h40 às 17h00 e atende cerca de 1200 crianças, do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A realização das ações no Colégio Militar Augusto Boal foi viabilizada pela professora Luciana responsável pelas aulas de Teatro na instituição, que é egressa do Curso de Licenciatura em Teatro – PARFOR⁹ da Universidade Federal do Tocantins. Considerando a extensão dessa escrita, farei um recorte de uma experiência realizada ao longo do processo desenvolvido na escola com a turma do 5º ano, com a qual foram realizadas parte das ações práticas de minha pesquisa de doutorado nessa instituição.

Intervenção Ordem Unida

A intervenção Ordem Unida marca a conclusão de um processo chamado Caminhadas Intervencionistas, onde foram desenvolvidas ações com a turma, provocando o jogo intervencionista nos diferentes ambientes da escola. Nessa intervenção, lançamos foco para uma situação que faz parte da rotina do colégio e ocorre em diversas ocasiões ao longo do dia: o ritual da formação, em que os alunos devem entrar em forma e se organizar obedecendo aos comandos da Ordem Unida - sentido¹⁰, cobrir¹¹ e descansar¹².

Para tanto, delimitamos áreas no pátio central da escola, onde criamos um percurso com três estações, por onde passavam os participantes do jogo intervencionista. A preparação do espaço foi realizada coletivamente, envolvendo crianças e professoras. Cada estação, era dedicada a um comando militar: sentido, cobrir e descansar, onde haviam placas com essas palavras escritas, ao centro do espaço e, ao redor placas com outras palavras derivavam delas: sinta, descanse, cubra-se. Lançando pistas para a (des)construção e (re)significação destes comandos, para além do uso feito pela disciplina militar.

8 Escrevo no plural, pois refiro-me a todos os praticantes da escola: professores, funcionários, alunos, etc.

9 O Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), em vigor desde 2009, é uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, oferecendo cursos de licenciatura e de segunda licenciatura, na modalidade presencial para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área em que atuam, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96). Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

10 Nesta posição, o homem ficará imóvel e com a frente voltada para o ponto indicado. Os calcanhares unidos, pontas dos pés voltadas para fora, de modo que formem um ângulo de aproximadamente 60 graus. [...] As mãos espalmadas, coladas na parte exterior das coxas, dedos unidos e distendidos, sendo que, o médio deverá coincidir com a costura lateral da calça. Cabeça erguida e o olhar fixo à frente. (Brasil, 2000, p.30)

11 A este comando, que é dado com a tropa na posição de "Sentido", o homem estenderá o braço esquerdo para a frente, com a palma da mão para baixo e os dedos unidos, até tocar levemente com a ponta do dedo médio, a retaguarda do ombro (ou mochila) do companheiro da frente; colocar-se-á, então, exatamente atrás deste, de forma a cobri-lo e, em seguida, posicionar-se-á na mesma linha em que se encontrem os companheiros à sua direita, alinhando-se por eles. A mão direita permanece colada à coxa. Os homens da testa, com exceção do da esquerda (que permanecerá na posição de "Sentido"), estenderão os braços esquerdos para o lado, palmas das mãos para baixo, dedos unidos, tocando levemente o lado do ombro direito do companheiro à sua esquerda. A mão direita permanece colada à coxa. (Brasil, 2000, p.161)

12 Estando na posição de "Sentido", ao comando de "DESCANSAR!", o homem deslocará o pé esquerdo, a uma distância aproximadamente igual a largura de seus ombros, para a esquerda, elevando ligeiramente o corpo sobre a ponta do pé direito, para não arrastar o pé esquerdo. Simultaneamente, a mão esquerda segurará o braço direito pelo pulso, a mão direita fechada colocada às costas, pouco abaixo da cintura. Nesta posição, as pernas ficarão naturalmente distendidas e o peso do corpo igualmente distribuído sobre os pés, que permanecerão num mesmo alinhamento. Esta é a posição do militar ao entrar em forma, onde permanecerá em silêncio e imóvel. (Brasil, 2000, p. 31)

1ª Estação: Sentido – Espaço onde as pessoas são convidadas a sentarem-se com os olhos vendados e suas sensações são provocadas por diferentes elementos gustativos e táteis.



Imagem 1 – Estação sentido: alunas do 5º ano e professor do colégio. Foto: Autora. Acervo pessoal da pesquisadora.

2ª Estação: Cobrir - Espaço em que o participante é conduzido até uma cadeira, também de olhos vendados, e é convidado a deixar-se cobrir de carinho, cuidado e afeto, por meio de uma delicada massagem nas mãos.



Imagem 2 - Estação cobrir: alunos do 5º ano funcionárias da escola e aluno de outra turma. Foto: Autora. Acervo pessoal da pesquisadora.

3ª Estação: Descansar - Ambiente de repouso, para onde os participantes são levados e se deitam sobre tecidos coloridos que estão espalhados pelo espaço, sendo estimulados a descansar corpo e mente. Enquanto relaxam, podem contar com o suave perfume de um incenso calmante, a brisa fresca de leques e a sombra de um guarda sol.



Imagem 3 - Estação descansar: Aluno do 5º ano e militar funcionário do Colégio. Foto: Autora. Acervo pessoal da pesquisadora.

Participaram da intervenção professores, funcionários de diversos setores da escola, militares e alunos de outras turmas. Ao longo do percurso, os participantes foram conduzidos pelas crianças da turma, que se revezaram, a fim de possibilitar a experiência a todos. Sendo assim, em cada estação um condutor se responsabilizava pelo acolhimento do participante, a fim de proporcionar as diferentes sensações, o cuidado e o descanso, de acordo com cada espaço.

Observando essa ação, avalio que a proposta de trabalhar o fazer teatral, a partir do jogo intervencionista foi uma possibilidade para que o teatro se inventasse nos possíveis do contexto apresentado pelo Colégio Militar Augusto Boal e provocasse a (re)significação de situações cotidianas, como se evidencia na intervenção "Ordem Unida", em que os comandos militares são (des)construídos de sua função de disciplinar e organizar os corpos. Além disso, a oportunidade de desenvolver uma ação em diferentes ambientes da escola, pode ser uma possibilidade para a compreensão de que apesar de uma sala específica, o fazer teatral não se localiza em um lugar próprio, mas atua criando espaços, por ser uma prática em constante movimento.

Ainda assim, levar em consideração a estrutura disciplinar do Colégio, as determinações de uso dos espaços e as condições para que nossas práticas pudessem acontecer fora do espaço dedicado às aulas de Teatro, foram condições necessárias para que as intervenções se realizassem. Destaco que isso não é uma especificidade dessa instituição, por isso ao compartilhar essa experiência com o jogo intervencionista no Colégio Militar, pondero os limites que atravessam a prática artística na realidade escolar e a necessidade de estar ciente dessas (im)possibilidades, a fim de atuar no campo das pequenas ações:

Essa sugestão prática parte do pressuposto de que há um modo de teatro que não tem lugar próprio. Daí ser ela uma ação tática, pois quando o que se quer é tirar proveito dessa situação. Entende-se que quando se tem consciência do lugar que se ocupa no campo discursivo – neste caso, o ambiente escolar – pode-se avaliar os limites da linguagem e do pensamento que essa situação impõe e, com isso, provocar pequenas mudanças nesse discurso, ampliando o raio de atuação da linguagem da arte. (André, 2011, p.197)

Nesse sentido, considerando que essa intervenção é o recorte de um processo de trabalho, avalio que a ação intervencionista veio ao encontro de uma prática que buscava nomadismo, no intuito de jogar com a estabilidade dos lugares da escola. Diante disso, o jogo intervencionista atou como um conjunto de táticas formalizadas, que conheciam os limites do território alheio, mas não agiam a partir das determinações estratégicas (Certeau, 2013). Portanto, nessa experiência, pode-se considerar que as ações atuaram como criadoras de espaços no mapa institucional, fomentando a condição do professor enquanto um “caçador de fissuras” (André, 2011), que lança propostas para que o teatro se exerça nos possíveis e a escola seja um lugar praticado pelo fazer teatral.

Últimos apontamentos

Quando começo esse artigo escrevendo sobre a escola como um espaço de multiplicidades, aponto a necessidade de, ao adentrar na realidade de cada escola, nos atentarmos para sua estrutura formalizada e as relações que seus praticantes estabelecem no/com esses espaços institucionais, a fim de evidenciar as apropriações e os limites que se instalam no cotidiano do fazer teatral. Ainda assim, deve-se considerar que o teatro situa-se entre esses dois campos e, ao defender uma ação tática no/do cotidiano da escola, não desconsidero a necessidade de seu lugar como saber formalizado, que se alia à sua (re)significação, a partir das ações realizadas pelo professor junto a seus alunos.

Desta forma, quando discorro a respeito de uma docência como ação tática, reconheço a importância de nos apropriarmos dos saberes formais, das abordagens metodológicas e aquilo que os saberes sistematizados nos oferecem, a fim de desenvolver propostas articuladas cada contexto que nos encontramos. No Colégio Militar Augusto Boal, o processo de trabalho com o jogo intervencionista fomentou a condição de um fazer teatral enquanto ação tática, evidenciando situações do cotidiano escolar que puderam ser (des)construídas, provocando possibilidades de (re)significações pelos praticantes daquele espaço. Ainda assim, assumo a apreensão que permeou todo o processo de trabalho com o teatro, demonstrando a condição de uma prática que se coloca em risco, assumindo as (im)possibilidades de uma ação menor, que se aproveita das oportunidades para se realizar. Então, defendo que o professor de Teatro é um praticante ordinário do espaço escolar que, em suas ações táticas junto aos alunos, produz um teatro que se deixa atravessar pela realidade da escola, provocando movimentos e assumindo a condição de um fazer menor (Deleuze & Gattari, 2003; Gallo, 2008).

Portanto, pensar uma ação tática não está dissociado de um fazer teatral pautado na (re)existência. Talvez uma postura tática possa, em alguns momentos, parecer conformar-se com a realidade (im)posta. No entanto, a tática não é dada aos grandes enfrentamentos, ela atua nas minoridades, seus movimentos são sutis e, no caso da escola, permitem a negociação, o diálogo, para que sejam abertas as portas, ao invés de trancadas. Dessa forma, avalio que o teatro na escola, enquanto ação tática, pode criar espaços para a troca e fortalecer o convívio com diferentes práticas, fomentan-

do a condição de um espaço de múltiplos saberes-fazer. Sendo assim, ao discorrer sobre uma ação tática, penso em um teatro que se faz nas brechas, na ocasião, como prática ordinária do cotidiano escolar.

Referências

ANDRÉ, Carminda Mendes. *Teatro Pós-Dramático na escola (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino de teatro em sala de aula)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BRASIL. *Manual de Campanha: Ordem Unida*. 3ª ed. Ministério da Defesa: Exército Brasileiro, 2000.

CABALLERO, I. D. *Cenários liminares: Teatralidades, performances e política*. Uberlândia: EDUFU, 2016.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. 20ª ed. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka - por uma literatura menor*. Tradução e Prefácio Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DUBATTI, J. Teatro, convívio e tecnovívio. In: *Da cena contemporânea*. Org. BIÃO, A. J. De C., CARREIRA, A. L. A. N, TORRES NETO, W. L. Porto Alegre: ABRACE, 2012.

DUBATTI, Jorge. *O teatro dos mortos: introdução a uma filosofia do teatro*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC, 2016.

FERRACO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. Educ. Soc. [online]. 2007, vol.28, n.98, pp.73-95. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos praticados: regulação e emancipação no cotidiano escolar. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas/MG: ANPED, 2003, p. 1 - 15.

SILVA, Renata P. Frestas e rachaduras: experiências para um teatro menor. *Anais da II Jornada de Pesquisa em Arte PPG UNESP: poéticas políticas poéticas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2017. ISBN: 978-85-62309-28-1, p. 301 – 312.

SILVA, Renata P. Estágio em teatro: a docência como tática praticante. In XXVIII Con-

gresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil. VI Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores. Ações Políticas de/para Enfrentamentos, resistências e recriações. Brasília/DF, 2018. ISSN: 2525-880X (Anais online).

SILVA, Renata P. Por um teatro da escola: táticas e minoridades ao rés do chão. 2019. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* São Paulo, São Paulo, 2019.

Recebido em: 30/07/2019

Aprovado em: 15/10/2019